

Ambientados na América, na Europa ou na África. Não podemos negar que os artigos, em sua maioria, ainda sejam artigos referentes às pesquisas realizadas no âmbito de nosso Estado do Rio de Janeiro. Estamos crescendo e nesse quarto ano de revista, somos brindados com dois textos de Estados co-irmãos: Bahia e Minas Gerais. Dessa forma, acreditamos que cresceremos ainda mais nas próximas edições.

Imprimir uma revista acadêmica no mundo virtual de hoje pode parecer ultrapassado. Contudo, sem nostalgias e retrocessos, queremos resguardar a história como há milênios os papiros do Egito e do mar Morto se conservam. Apesar da importância do aparato tecnológico, o livro ainda guarda todo o seu encanto e permanece como o maior suporte de memórias. No entanto, também não queremos nos afastar do processo da internet, pelo contrário. Estamos trabalhando, com muito empenho para a indexação da revista no portal da UERJ. Processo aprovado e conquistado nesta gestão de 2009/2010. Como também a Dia-Logos já conta com seu site próprio [www.revistadialogos.net](http://www.revistadialogos.net), onde, igualmente, se disponibilizará os números das revistas passadas e as novas produções. E hoje, a Revista Dia-Logos conta com a recomendação B5 de acordo com a avaliação do Qualis da Capes.

Portanto, é muito relevante imprimir, anualmente esse periódico, difusor de novas pesquisas e pesquisadores, e distribuí-lo entre os principais programas de pós-graduação em História do país e quicá do exterior.

Esperamos que apreciem a revista e mais uma vez agradecemos a todos que participaram desse imenso e árduo trabalho, mas de grande importância para a divulgação da pesquisa científica no Brasil, através da revista Dia-Logos.

Boa Leitura!  
Conselho Editorial

## **Criminosos, polícia e políticos em letras impressas: jornais cariocas, criminalidade na cidade do Rio de Janeiro e fraudes eleitorais no início do século XX**

Ana Vasconcelos Ottoni\*

“Bandidagem à solta”. “Paraíso dos ladrões”. “Roubos sobre roubos”<sup>1</sup>. Títulos de notícias de crimes como esses eram estampados com frequência nas primeiras páginas da Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil e Correio da Manhã no início do século XX. Nestas notícias, os repórteres policiais buscavam mostrar que o Rio de Janeiro, Capital da República, estava sendo infestado por ladrões, salteadores e criminosos que efetivavam seus crimes a qualquer hora do dia, nos mais variados espaços da cidade. Segundo tais jornalistas, os crimes ampliavam-se e sofisticavam-se devido a fatores como o que classificavam de “lado perverso da modernidade” que teria engendrado no Rio “uma classe de ladrões aperfeiçoados”<sup>2</sup>. A falta ou deficiência no policiamento também seria uma das razões dessa expansão, o que facilitava a ação dos criminosos na cidade<sup>3</sup>. Mas como os repórteres policiais eram profissionais sintonizados com o universo político da época -como veremos mais adiante deste texto-, atribuíam também à expansão da criminalidade no Rio de Janeiro ao relacionamento dos políticos com os criminosos e a polícia. Isso porque alegavam que os “chefes políticos”, ao buscarem conquistar votos a todo custo por meio das fraudes eleitorais, contratavam ladrões e bandidos para provocar “desordens” em épocas de eleição e, em troca disso, esses políticos lhes davam proteção, o que estimulava os criminosos a cometer mais crimes no Rio. Por sua vez, a polícia, por convivências políticas e por manter relações “escusas” com determinados políticos, protegeria a mando destes últimos, tais criminosos, absolvendo-os da prisão<sup>4</sup>.

Mas afinal quem eram os repórteres policiais que escreviam essas notícias? Tal questão é difícil de ser respondida na medida em que os jornalistas policiais não assinavam suas reportagens. Contudo, através da obra de Eduardo Coutinho sobre as crônicas carnavalescas da Primeira República<sup>5</sup>, o autor nos oferece pistas sobre quem eram os repórteres de crimes. Neste estudo, Coutinho identificou em muitas crônicas carnavalescas da época-que eram assinadas-que alguns repórteres policiais eram cronistas carnavalescos e possuíam em geral uma origem humilde, a exemplo do repórter Francisco Guimarães (1877-1947) - conhecido pelo pseudônimo Vagalume -, jornalista do *Jornal do Brasil*, negro e filho de pais pobres.

Apesar de não terem tido formação acadêmica de nível superior, tais jornalistas conheciam os problemas políticos e eleitorais que assolavam o país. Possivelmente adquiriram tal conhecimento a partir de suas próprias vivências cotidianas com a política e de seus contatos com os populares nas ruas, através das entrevistas que faziam com diferentes tipos de personagens (vítimas, criminosos, testemunhas etc) envolvidos nos crimes, dos múltiplos relatos que circulavam na cidade e de informações da polícia. Ao fazerem suas reportagens nas ruas do Rio de Janeiro a partir dos anos de 1900, - período no qual os repórteres passaram a se deslocar do prédio da redação para as ruas em busca de acontecimentos e personagens criminais<sup>6</sup> -, iam em épocas eleitorais até os locais de votação da cidade, para procurar notícias sobre bandidos que estariam mancomunados com determinados chefes políticos. Afinal, os jornalistas sabiam que as eleições na Capital da República eram decididas por bandos que atuavam em determinados pontos da cidade e alugavam seus serviços aos políticos<sup>7</sup>.

Contudo, os jornalistas policiais não só conheciam bem tais fatos, como também muitos deles comentavam as ocorrências de fraudes eleitorais da época, condenando-as e estabelecendo relações intrínsecas entre a expansão da criminalidade do Rio

de Janeiro e o relacionamento de certos políticos- que segundo eles cometiam tais fraudes- com os criminosos e a polícia. Diante disso, propunham mudanças eleitorais e políticas no país, além de reformas na polícia da época como a adoção no Rio de Janeiro de uma polícia de carreira, o que na opinião de tais repórteres, acabaria com a politicagem na organização policial e garantiria uma atuação mais rigorosa das autoridades policiais no combate ao crime, como veremos mais adiante deste texto. Assim, pode-se dizer que esses jornalistas utilizaram muitas de suas notícias de crimes publicadas nos jornais cariocas como instrumentos de ação política<sup>8</sup> e não somente como meios para entreter a população com histórias sensacionalistas de fugas espetaculares de bandidos ou de policiais que corriam atrás dos assaltantes, criminosos e ladrões da cidade.

Ao partirmos de tal perspectiva de análise, este estudo busca examinar como a imprensa carioca, através dessas publicações, tratava a relação entre a expansão da criminalidade no Rio de Janeiro do início do século XX e o relacionamento dos criminosos e da polícia com os políticos, em meio às fraudes eleitorais da época. Investiga também como os jornais articulavam a discussão sobre tal relacionamento e a criminalidade com as suas posições em relação às candidaturas presidenciais de marechal Hermes da Fonseca e Rui Barbosa na campanha eleitoral de 1909 e 1910. Para examinarmos estes dois objetivos, selecionamos como corpus documental do estudo os jornais "populares" *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Gazeta de Notícias*<sup>9</sup> por serem uns dos principais periódicos da cidade que divulgavam com vigor as notícias de crimes, chegando por vezes a ocupar a primeira página do jornal, com títulos muitas vezes redigidos em letras grandes e em negrito para chamar atenção de seus leitores. Assim, essas notícias serão as principais fontes deste trabalho. Além delas, utilizaremos também os artigos do advogado e redator-chefe do *Correio da Manhã* Gil Vidal - jornalista de confiança do proprietário do *Correio da Manhã*, o

advogado Edmundo Bittencourt<sup>10</sup> - sobre os crimes na cidade carioca publicados no referido impresso em 1909 e 1910.

Através da leitura dessas fontes, percebemos como os jornalistas se preocupavam com o crescimento da criminalidade na capital, uma vez que tal a expansão foi vista na época como um entrave à construção de um Rio de Janeiro que se queria moderno, europeizado, capaz de ser o cartão-postal da República.<sup>11</sup> Porém, os repórteres policiais não somente se preocupavam com tal questão, mas também com a situação política pela qual passava a cidade. Isso porque alegavam que a capital estava sendo habitada por políticos corruptos que por interesses eleitorais, se aliavam aos criminosos e a polícia para conseguir efetuar ações fraudulentas nas eleições.

Diante de tal situação, os jornalistas, em muitas de suas publicações, buscavam atacar com veemência a falta de punição na sociedade no que tange às ocorrências de fraudes eleitorais da época. Além disso, salientavam como essa impunidade fazia aumentar o número de crimes no Rio. Segundo os repórteres policiais, os políticos corruptos que se candidatavam às eleições na capital sempre contratavam os serviços dos criminosos para fraudar as eleições, pois estavam cientes de que não seriam punidos, e os bandidos por sua vez, sabedores de que seriam protegidos por tais políticos, cometiam os mais variados crimes no Rio, inclusive nas ruas mais centrais da cidade, sem temer a prisão.<sup>12</sup>

Um dos jornalistas do período que escreveu sobre tal relacionamento dos políticos com os criminosos foi Gil Vidal. Através de títulos sugestivos publicados no Correio da Manhã como a "Impunidade triunfante"<sup>13</sup>, Vidal chamava atenção da falta de punição no Brasil em relação aos políticos que fraudavam as eleições e aos criminosos da cidade. Falava com tom de indignação sobre os "malfeitores e desordeiros" que praticavam na capital "toda a sorte de crimes", porque eram "instrumentos de chefes políticos" que lançavam "mão da intimidação e da violência" para conquistar votos a todo custo.

As relações entre políticos e criminosos e, a ocorrência das fraudes eleitorais da época eram assim acompanhadas com vigor pela imprensa, que se dizia indignada diante da dissolução dos princípios democráticos no país. Segundo um repórter policial da Gazeta de Notícias, tais princípios estavam sendo "substituídos por hábitos e práticas que só se podiam se filiar ao caudilhismo manejador do suborno, da prepotência de todas as perigosas armas ilícitas" que viciavam a administração.<sup>14</sup> Nestas publicações, os repórteres buscavam intervir politicamente na sociedade, já que ressaltavam a necessidade de se moralizar os costumes políticos, eleitorais e administrativos vigentes. Vale notar que esse discurso circulava pelos impressos há pelo menos uma década antes do movimento tenentista da década de 1920 ter reivindicado tal moralização na política brasileira. Em tal discurso, muitos repórteres policiais propunham a reformulação da lei eleitoral para que houvesse punição aos envolvidos nas fraudes e violências eleitorais da época, como salientou um repórter da Gazeta de Notícias em 1909.<sup>15</sup> Com isso, alegavam que os políticos teriam mais temor de se aliar e proteger a bandidagem em troca de "favores eleitorais". Em consequência disso, a criminalidade no Rio- ressaltavam os repórteres- diminuiria drasticamente.

Além das severas críticas que faziam à falta de punição no Brasil em relação às práticas eleitorais fraudulentas e aos "políticos corruptos" que orquestravam tais fraudes, os jornalistas também chamavam atenção da polícia, já que segundo eles, esta ajudava os políticos a cometer tais atos contra a Nação. Isso porque "inspirada em conveniências políticas", a polícia "concedia as mais escandalosas proteções a facinoras perigosos", deixando-os livres para provocar desordens eleitorais e efetuar os mais diversos crimes na cidade.<sup>16</sup>

Nestas publicações, os jornais enfatizavam o envolvimento da polícia na política, e de como isso repercutia no aumento da criminalidade no Rio. O Correio da Manhã e Jornal do Brasil, por exemplo, como eram folhas de clara oposição ao governo, destacavam que a polícia por estar "apadrinhada" ao governo e,

os delegados por bajularem o presidente da República, protegiam “os mais perigos assassinos e ladrões”<sup>17</sup> da cidade, pois estes seriam os aliados de políticos influentes. Em consequência disso - alegavam os impressos-, os criminosos se sentiam à vontade para cometer cada vez mais crimes na cidade, e de forma cada vez mais audaciosa, roubando e assaltando a população em plena luz do dia e nas ruas mais movimentadas do centro. Segundo os repórteres desses jornais, tais fatos deviam-se, entre outros motivos, a ausência da polícia de carreira na cidade, uma vez que tal ausência provocava a interferência da politicagem na organização policial, já que os cargos eram preenchidos por elementos de confiança do governo.

Os jornalistas alegavam que certos chefes políticos tiravam vantagens eleitorais do fato de não se ter na cidade uma polícia de carreira, uma vez que ao prometerem cargos à polícia ou ao intimidá-la através de ameaças de demissão de cargos, lhe ordenavam que deixasse impunes os ladrões e bandidos da cidade, já que estes ajudariam os referidos políticos a vencer as eleições, através de quebras e roubos de urnas nas seções em que esses chefes tinham minoria.<sup>18</sup> Diante dessa situação considerada lastimável, os jornalistas cobravam a moralização da polícia, salientando que esta “não se deixasse levar pelas ameaças dos politiquinhos, sem escrúpulos, que têm nos desordeiros, os seus guarda-costas”.<sup>19</sup> Muitos desses jornalistas acreditavam que a adoção de uma polícia de carreira no Rio de Janeiro seria muito importante para a cidade, já que a polícia estaria mais atuante para combater à criminalidade, uma vez que não perderia mais o seu tempo em bajular políticos em troca de benesses e cargos e, nem estaria mais ameaçada pelos mesmos para fazer o que eles mandavam.<sup>20</sup> Assim, como podemos perceber, muitos jornalistas policiais da época fizeram de suas reportagens de crimes instrumentos de ação política.

Além disso, fizeram destas publicações, em certas ocasiões, instrumentos de ação partidária. Um exemplo disso foram as notícias de crimes publicadas na imprensa carioca durante a

campanha eleitoral de 1909 e 1910. Nesta campanha, alguns jornais fizeram questão de emitir opiniões e outros calar-se no que tange à discussão acerca da criminalidade no Rio de Janeiro e do relacionamento dos políticos com criminosos e a polícia da época em consonância com os assuntos ligados à eleição. Tais posturas tinham a ver com as diferentes posições dos impressos em relação às candidaturas presidenciais de Hermes da Fonseca e Rui Barbosa, como explicaremos mais adiante deste texto. Antes de refletirmos sobre tal questão, é importante dizer que a eleição presidencial de 1910, conforme salientou José Murilo de Carvalho<sup>21</sup>, foi uma das poucas competitivas da Primeira República. Nela, Hermes da Fonseca foi apoiado pelo então presidente da República, Nilo Peçanha. Na época, os dois grandes estados Minas Gerais e São Paulo, tinham-se desentendido. Segundo José Murilo de Carvalho, “o candidato da oposição, Rui Barbosa, apoiado por São Paulo, levou a cabo a primeira campanha eleitoral dirigida à população”.<sup>22</sup> Foi neste contexto, que os diferentes jornais cariocas se posicionaram de formas distintas em relação à eleição, de acordo com os seus interesses econômicos, -era comum na época a compra da opinião de parte da imprensa pelos governos constituídos<sup>23</sup> - ideológicos, políticos e entre outros. Assim, devido a fatores de diversas ordens que aqui não serão discutidos, o *Jornal do Brasil* optou por apoiar a candidatura de Hermes da Fonseca, e a *Gazeta de Notícias* e o *Correio da Manhã*, a candidatura de Rui Barbosa.<sup>24</sup> No que diz respeito ao *Correio da Manhã*, tal impresso como apoiava Rui Barbosa, recorreu à temática criminal para atacar diretamente à candidatura de Hermes da Fonseca e o governo de Nilo Peçanha. Por sua vez, a *Gazeta de Notícias* apesar de ter apoiado Rui Barbosa em tal campanha, elogiando sua postura democrata e liberal<sup>25</sup>, não utilizou muitos casos de crimes na cidade em associação aos assuntos relativos à disputa presidencial. Mas nas matérias que veiculavam essa associação, o jornal articulava indiretamente a questão da criminalidade no Rio de Janeiro com o governo e Hermes da Fonseca. Nestas publicações, a *Gazeta de Notícias*

atacava o então chefe de polícia, Leoni Ramos, como uma forma indireta de atingir Nilo Peçanha - já que quem nomeava o chefe de polícia da época era o presidente<sup>26</sup> - e, por conseqüência atacar a candidatura de Hermes da Fonseca. Sem mencionar os nomes desses dois políticos, o jornal ressaltava que a polícia por estar envolvida na campanha política da época negligenciava a segurança pública, deixando a cidade entregue aos assaltos e roubos, como salientou um repórter do impresso em 1910.<sup>27</sup>

Já que no que diz respeito ao *Jornal do Brasil*, este impresso não mencionou em nenhum momento no seu noticiário policial assuntos relativos à disputa presidencial de 1910, pois possivelmente sabia que se tocasse nessa temática em associação à questão da criminalidade na cidade, prejudicaria o candidato Hermes da Fonseca; candidato este que foi, como já ressaltado anteriormente, apoiado pelo presidente. Isso porque o jornal certamente sabia que ao longo do período republicano a população estava insatisfeita em relação às ações policiais e governamentais para combater os crimes no Rio de Janeiro devido as freqüentes reclamações do povo acerca de tal questão.<sup>28</sup>

Assim, o silêncio dos repórteres policiais do *Jornal do Brasil* sobre a questão da criminalidade na cidade em associação aos assuntos relativos à eleição durante a campanha presidencial de 1909 e 1910, pode ser lido como um instrumento de ação político-partidária do impresso, ou seja, como uma forma desta folha assumir politicamente seu apoio à candidatura de Hermes da Fonseca. Mas sem dúvida em termos de grau de intensidade, o *Correio da Manhã* foi o jornal que, em relação aos outros impressos pesquisados, mais utilizou a temática da criminalidade como instrumento de ação política e partidária durante tal campanha, já que publicou várias notícias que estabeleciam explicitamente a relação intrínseca entre a expansão dos crimes na cidade carioca e o suposto relacionamento de Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca com os criminosos e a polícia do Rio de Janeiro como uma forma de atingir diretamente a candidatura militar.

Contudo, devemos nos perguntar o motivo pelo qual o *Correio da Manhã* utilizava, de forma bem mais intensa que a *Gazeta de Notícias*, a temática criminal como instrumento político e partidário para atacar a candidatura de Hermes da Fonseca, se ambos apoiavam Rui Barbosa. Para explicarmos esta questão, é importante dizer que ao contrário da *Gazeta de Notícias* que teve sua história marcada por posicionamentos ambíguos em relação ao governo, já que ora o criticava ora o enaltecia<sup>29</sup>, o *Correio da Manhã* desde a sua fundação, em 1901, era um jornal de clara oposição ao governo e um impresso que fazia uma sistemática oposição aos grupos políticos dominantes<sup>30</sup>, dizendo-se defensor da "inviolabilidade de todos os direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade"<sup>31</sup>, e que propugnava por mudanças nas estruturas políticas do país, como bem ressaltou Américo Freire.<sup>32</sup> A nosso ver, tal passado histórico do *Correio da Manhã* explica, em parte, a sua intensa participação política na campanha eleitoral de 1909 e 1910 que, através de seu noticiário criminal e artigos escritos por Gil Vidal sobre crimes no Rio de Janeiro- e possivelmente de outros tipos de textos publicados no jornal- , atacava com veemência os grupos políticos então dominantes da época-no caso o governo de Nilo Peçanha -e seus aliados- no caso Hermes da Fonseca, que era apoiado pelo presidente. Assim, o *Correio da Manhã* por ter participado de forma mais ativa -que os outros jornais pesquisados- da campanha eleitoral de 1909 e 1910 em suas publicações sobre crimes na cidade carioca, optamos por nos concentrar na análise dos discursos do referido periódico.

Durante a campanha, os repórteres policiais do jornal buscavam acentuar a idéia de crescimento da criminalidade na cidade, através de títulos sensacionalistas como "Crime e mais crime"<sup>33</sup>, alegando que tal expansão devia-se à negligência da polícia "hermista" para combater os "desordeiros", já esta só estaria preocupada em proteger os criminosos da cidade- que eram, segundo os repórteres, os aliados de marechal e Nilo

Peçanha- para com isso receber benesses e cargos do governo, caso Hermes da Fonseca ganhasse a eleição.

Como uma forma de atingir a candidatura militar, os jornalistas do *Correio da Manhã* alegavam ainda que o marechal-juntamente com o presidente da República-buscaria vencer a eleição de 1910 a todo custo por meio da contratação de ladrões e bandidos para fraudar a eleição. Segundo os repórteres, em troca das ações violentas que seriam feitas por tais criminosos para obrigar o povo a votar em Hermes da Fonseca, o marechal e Nilo Peçanha lhes dariam proteção, o que incentivaria os bandidos a cometer mais crimes no Rio de Janeiro. Nesta linha de argumentação, um repórter do *Correio da Manhã*, por exemplo, logo depois de veicular tal tipo de discurso, buscava em tom quase que panfletário, convencer os leitores de não votarem no candidato militar, embora em nenhum momento da reportagem mencionasse quais eram os motivos pelos quais a população deveria votar em Rui Barbosa. Sua estratégia era somente atacar o candidato adversário, como indica o trecho abaixo:

*O Brasil não quer o marechal Hermes da Fonseca para presidente da República devido a sua impopularidade e do seu desprestígio. O governo pretende impô-lo brutalmente pela violência, pela fraude e pelo crime: é o governo quem conspira contra a Nação.*<sup>34</sup>

Além de reportagens como essa, o *Correio da Manhã* contou com a colaboração de Gil Vidal, que através de suas matérias sobre o relacionamento da polícia com os políticos, buscava igualmente atingir a candidatura de Hermes da Fonseca.<sup>35</sup> Nelas, Vidal ressaltava que a polícia por estar tão somente “empenhada na vitória na capital da república do candidato militar”, não policiava devidamente a cidade, “entregue aos assaltos e às desordens”.<sup>36</sup> Apesar de intensa campanha política promovida por Vidal e pelos repórteres policiais do *Correio da Manhã* contra Hermes da Fonseca, Rui Barbosa saiu derrotado da eleição de 1910.<sup>37</sup>

Mesmo assim, isto não desanimou de maneira alguma tais jornalistas de continuar fazendo severas críticas à Hermes da Fonseca. Em suas matérias, voltavam a argumentar que, durante a candidatura do referido militar, a polícia “hermista” “estava toda entregue ao empenho de fazer vencedor o marechal”, como afirmou Gil Vidal<sup>38</sup>, e por isso os ladrões campeavam livremente pela cidade, sem nenhuma punição. Os repórteres policiais do *Correio da Manhã* também voltavam a atacar com veemência Nilo Peçanha, alegando que durante a campanha eleitoral de 1909 e 1910 os criminosos da cidade do Rio de Janeiro eram os seus instrumentos políticos.

Essas notícias indicam como os repórteres policiais do *Correio da Manhã* e Gil Vidal utilizavam a temática criminal como instrumento da ação político-partidária na eleição de 1910, mesmo depois do término desta, através da relação intrínseca que estabeleciam explicitamente entre a expansão da criminalidade e o suposto relacionamento de Hermes da Fonseca e Nilo Peçanha com os criminosos e a polícia da cidade. Ainda que de uma forma bem menos intensa que o *Correio da Manhã*, os jornalistas da *Gazeta de Notícias* também ressaltavam tal relação como uma maneira de atingir a candidatura militar, embora ela fosse tratada de forma indireta, sem menção aos nomes de Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca. Já os jornalistas do *Jornal do Brasil* nem sequer mencionavam esta relação, o que a nosso ver, parecia ser uma forma de o impresso apoiar a candidatura militar. Mas antes mesmo dessa disputa eleitoral, os repórteres policiais do *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Brasil* já utilizavam muitas de suas notícias como instrumentos de ação política, embora não da mesma forma que durante a campanha presidencial de 1909 e 1910, pois, como vimos, nesta campanha tais impressos se dividiram no que tange à discussão da criminalidade em associação aos assuntos relativos à eleição. Porém, em outras eleições ocorridas nas décadas de 1900 e de 1910, parece não ter havido tal divisão entre os jornais

estudados, pois, em geral, seus jornalistas policiais convergiam em estabelecer uma associação intrínseca entre a expansão da criminalidade na cidade carioca e o relacionamento dos criminosos e da polícia com os políticos, em meio às fraudes eleitorais da época, buscando em muitas de suas publicações, reivindicar a moralização da política e da polícia do Rio de Janeiro. Isso tudo nos revela que esses personagens da história buscaram, à sua maneira e por meio de muitas de suas reportagens, intervir politicamente na sociedade, e não somente entreter a população com histórias sensacionalistas de crimes na cidade carioca.

#### Notas e Referências

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Orientadora: Profa. Dra. Martha Campos Abreu. Contato: anavasottoni@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Gazeta de Notícias, 3/11/ 1909, 3; Jornal do Brasil, 6/07/1911,6 ; Correio da Manhã, 7/10/1905, 2.

<sup>2</sup> Ver: "Assaltos e roubos: uma casa arrombada e roubada", Gazeta de Notícias, 6/11/1906, 3; "Uma quadrilha de ladrões", Gazeta de Notícias, 12/11/1907, 2.

<sup>3</sup> Ver: "Uma escalada: O Rio de Janeiro está sem polícia", Correio da Manhã, 11/02/1913, 3.

<sup>4</sup> "O fim de uma fera", Gazeta de Notícias, 7/11/1909, 1.

<sup>5</sup> COUTINHO, Eduardo. Os cronistas de momo: imprensa e carnaval na Primeira República. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

<sup>6</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930): mediações, linguagens e espaços. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004, p.22.

<sup>7</sup> BARRETO, Lima. Os Bruzundangas, 1917, p. 114 apud, CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p.88.

<sup>8</sup> Ressalta-se que nossa hipótese se inspira em um dos capítulos da tese de doutorado de Carolina Dantas sobre intelectuais na Primeira República, no qual a autora argumenta que tais setores da sociedade utilizaram seus textos publicados nos jornais do Rio de Janeiro no início do século XX como instrumentos de ação política e pública, já que defenderam, por exemplo, ações objetivas negligenciadas pelo Estado e demandas não cumpridas pelos sucessivos governos republicanos vigentes até então, como a implementação

da educação primária em massa. DANTAS, Carolina. "Café com leite": história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos (Rio de Janeiro, 1903-1914). Niterói: PPGH-UFF, 2007, Tese de Doutorado, p. 58-76.

<sup>9</sup> Vale notar que não analisaremos aqui as características específicas de cada um desses jornais, uma vez que visamos trabalhá-los de forma conjunta.

<sup>10</sup> BORGES, Vera Lúcia Bogéa. "A dramaticidade da eleição presidencial (1909-1910): traços da cultura política na Primeira República". Anais do I Seminário Nacional de Pós-graduandos em História das instituições: instituições, cultura e poder. Rio de Janeiro: Numem, Cd-Rom, UNIRIO, p. 8. 2008.

<sup>11</sup> MATTOS, Rômulo Costa. "A aldeia do mal: o morro da favela e a construção social das favelas durante a Primeira República". Niterói: PPGH-UFF, 2004, Dissertação de mestrado, p.34.

<sup>12</sup> "Assalto de ladrões", Gazeta de Notícias, 25/10/ 1909, 2.

<sup>13</sup> Correio da Manhã, 9/11/ 1909, 1.

<sup>14</sup> "As eleições municipais: cenas vergonhosas", Gazeta de Notícias, 1/11/ 1909, 1.

<sup>15</sup> IDEM, Ibidem.

<sup>16</sup> "O fim de uma fera", Gazeta de Notícias, 7/11/ 1909, 1.

<sup>17</sup> "Polícia criminosa", Correio da Manhã, 10/05/1905, 1.

<sup>18</sup> "As eleições municipais: cenas vergonhosas", Gazeta de Notícias, 1/11/1909,1.

<sup>19</sup> "O chefe de polícia determina a abertura de um rigoroso inquérito", Correio da Manhã, 6/11/ 1915,3.

<sup>20</sup> Vale notar que os jornais cariocas por vezes faziam comparações entre a polícia do Rio de Janeiro e a de São Paulo, tendendo a enaltecer a segunda, já que em São Paulo havia sido introduzida a polícia de carreira no início do século XX. Sobre os discursos da imprensa paulista sobre tal questão, ver: BERNARDI, Célia de. O lendário Meneghetti: imprensa, memória e poder. São Paulo: Annablume, 2000, p.28-29.

<sup>21</sup> CARVALHO, José Murilo de. "Os três povos da República". In: República no Catete.(org) Carvalho, Maria Alice Resende. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, p. 74.

<sup>22</sup> IDEM, Ibidem, p.74-75.

<sup>23</sup> BORGES, Vera Lúcia Bogéa. "A dramaticidade da eleição presidencial (1909-1910)". Op.cit,p. 9

<sup>24</sup> Sobre as razões do apoio de jornalistas e diferentes jornais cariocas à candidatura de Hermes de Fonseca ou à de Rui Barbosa, ver: BORGES, Vera Lúcia Bógéa. "A dramaticidade da eleição presidencial (1909-1910). Op.cit, p. 7-8; LOPES, Antonio Herculano. "Do monarquismo ao "populismo". O Jornal do Brasil na virada para o século XX". In: História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. (orgs) BASTOS, Lúcia; MORES, Marco, FERREIRA,

Tânia Maria. Rio de Janeiro: Faperj, 2006, p.343-344.

<sup>25</sup> Ver: "Sr. Rui Barbosa: chegada de São Paulo", *Gazeta de Notícias*, 25/12/1909, 2.

<sup>26</sup> Segundo Marcos Bretas, o chefe de polícia, além de nomeado pelo presidente, era escolhido entre os advogados com mais de dez anos de prática ou com notório saber no campo policial. BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade policial no Rio de Janeiro: 1907-1930*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 50.

<sup>27</sup> "Os ladrões campeiam: assaltos e roubos", *Gazeta de Notícias*, 8/01/1910, 2.

<sup>28</sup> Estas reclamações eram publicadas com frequência pelo *Jornal do Brasil* na coluna "Queixas do povo". Contudo, vale notar que durante a campanha eleitoral de 1909 e 1910 o jornal publicou poucas queixas em relação às ações governamentais e policiais no combate ao crime. Sobre a coluna "Queixas do povo", ver: SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>29</sup> Um exemplo de enaltecimento do governo pelo jornal foi a reportagem de 1903, na qual um repórter policial ressaltou que o poder público velava pela felicidade e tranquilidade do povo, pois pagava bem a polícia "não poupando dinheiro para que a gente urbana" não tivesse a "vida em perigo" e para que "os galinheiros dos subúrbios" não fossem roubados. "A cidade", *Gazeta de Notícias*, 27/11/1903, 2. No que se refere às críticas da *Gazeta de Notícias* ao governo, ver por exemplo a reportagem publicada em 1920, na qual um repórter ressaltou que o governo era o grande culpado pelo aumento do número de crianças que entravam para o mundo do crime, uma vez que não se preocupava com o problema da assistência à infância no Brasil. "O Rio, jardim da infância delinqüente!", *Gazeta de Notícias*, 12/07/1920, 3.

<sup>30</sup> FREIRE, Américo. "Fazendo a República: a agenda radical de Irineu Machado". *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, vol.13, n.26, p.121, 2009.

<sup>31</sup> "Dez anos", *Correio da manhã*, 15/06/1911, 1. Matéria assinada por Gil Vidal, com o pseudônimo de Leão Veloso Filho.

<sup>32</sup> FREIRE, Américo. "Fazendo a República". *Op.cit*, p.121.

<sup>33</sup> *Correio da Manhã*, 27/01/1910, 2.

<sup>34</sup> "Polícia criminosa", *Correio da Manhã*, 28/02/1910, 1.

<sup>35</sup> Vale notar que, segundo Vera Lúcia Borges, Gil Vidal em sua primeira matéria acerca da disputa presidencial de 1910 apoiou a candidatura do marechal Hermes e cobrou do candidato militar elementos que confirmassem o caráter renovador do lançamento do seu nome. Porém, segundo a autora, ele obteve como resposta apenas o silêncio. Assim, Gil Vidal "interpretou esta conduta como sinal de obediência à senha do silêncio que possivelmente Hermes da Fonseca recebera dos principais políticos." Borges assinala então que esta

lhe pareceu ser o primeiro sinal para Gil Vidal apoiar a candidatura de Rui Barbosa. BORGES, Vera Lúcia Bogéa. "A dramaticidade da eleição presidencial (1909-1910). *Op.cit*, p.8.

<sup>36</sup> "A polícia e a politicagem", *Correio da Manhã*, 8/11/1909, 1.

<sup>37</sup> Sobre a análise dos fatores da derrota eleitoral de Rui Barbosa em 1910, ver: CARVALHO, Maria Alice Rezende de. "A crise e a refundação republicana, em 1930". In: *República no Catete*. (org) CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, p.100-101.

<sup>38</sup> "Polícia da cafraria", *Correio da Manhã*, 4/05/1910, 1.

<sup>39</sup> "Uma série de crimes: uma quadrilha de facínoras", *Correio da Manhã*, 4/02/1911, 3.